

Albertino Évora



"Tínhamos um grupo musical dedicado à intervenção e à consciencialização para a independência "

Albertino Barbosa Évora, conhecido artisticamente como Albertino Évora, é um dos membros fundadores do agrupamento Abel Djassi, criado em 1976, um ano após a independência de Cabo Verde. A formação do grupo surgiu por iniciativa de Adélcia Pires, então presidente da Organização dos Pioneiros Abel Djassi (OPAD-CV), que idealizou um projecto cultural voltado para a valorização da identidade e da expressão artística no período pós-independência.

P: Poderia contar como surgiram as músicas revolucionárias e a formação dos grupos de música revolucionários?

Eu sou Alberto Barbosa Évora, mais conhecido por Albertino Évora. Sou um dos elementos fundadores do agrupamento Abel Djassi, que foi fundado em 1976, um ano após a nossa independência. A ideia veio da ex-primeira dama, Adélcia Pires, na altura presidente da Organização dos Pioneiros Abel Djassi em Cabo Verde (OPAD-CV).

A ideia era que se formasse um grupo musical que interpretasse, na altura, toda a temática da música de intervenção e, conseqüentemente, se fizesse a socialização da música ligada à consciência que se pretendia formar após a independência. Numa fase embrionária, estivemos a funcionar, portanto, ligados à música que teria a ver mais com a temática cultural e de intervenção e, após algum tempo, começámos a participar em saraus culturais, a fazer bailes populares e, também, a participar nos grandes eventos da OPAD. Então, após essa fase, transitámos para a Juventude Africana Amílcar Cabral (JAAC) e, a partir daí, foi, de facto, a nossa largada para o mundo da música. Pudemos participar em eventos como o concurso Todo o Mundo Canta, Toda a Criançada Canta, actividade que deu muitos frutos, não é? Deu muitos frutos, tais como, por exemplo, o surgimento de alguns artistas, ou mesmo de muitos artistas que passaram por Todo o Mundo Canta e que hoje são artistas consagrados e de nomeada.

Com o andar do tempo, como o agrupamento funcionava como uma espécie de viveiro, havia os que terminavam os estudos, iam fazer um curso e absorvíamos novos elementos. E, assim por diante, por isso temos várias versões do conjunto Abel Djassi. E tivemos, penso eu, que tivemos um grande papel no processo da conscientização da sociedade e sinto-me grato por ter conseguido fazer esse trabalho.

É importante, também, reconhecer que o nome que foi atribuído ao grupo era o pseudónimo do nosso saudoso Amílcar Cabral. Obviamente que eu penso que o peso, o peso do nome, também, teria uma certa ou mesmo uma grande influência, sobretudo, no nosso estar, no nosso pensar. Penso que de uma forma quase involuntária, nós acabámos por absorver os valores que eram defendidos por Abel Djassi. Daí, de facto, se calhar, haver uma certa sincronização entre o nome que nos foi atribuído e a nossa forma de estar e de fazer música.

Na época, quer dizer, logo de início, naquela fase, ainda muito embrionária, não tínhamos aquele caparro, a estaleca para fazer músicas nossas. Depois, mais à posteriori, depois de atingir uma certa maturidade, podemos crescer, a nível dos arranjos, também, em composições, e também tocávamos as músicas que havia para serem interpretadas, e depois, obviamente, que com o nosso amadurecimento, viemos a ter, de facto, a nossa opção, não é? Optámos, portanto, por fazer a música de uma forma mais livre, e isso nota-se, sobretudo, nos recortes dos arranjos que nós fazíamos, não é? É quando no Todo o Mundo Canta, por exemplo, nós trabalhávamos nove concorrentes por dia, e era tudo músicas inéditas, não é? Músicas inéditas, e nós fazíamos os arranjos todos, tínhamos duas sessões, se não estou em erro, duas sessões por semana, portanto tínhamos que fazer a orquestração de 18 músicas por semana, músicas inéditas. Penso que o projecto Todo o Mundo Canta foi o nosso grande treinamento, o nosso grande teste, que foi a partir daí, de facto, que nós nos libertámos para a senda musical, para estar na música com uma certa liberdade.

Penso que foi muito bom. O Conjunto Abel Djassi tinha um repertório vasto e muito variado. Interpretámos os compositores da época, o Manuel de Novas, o Kodé Di Dono, o Kaká Barbosa, e também outros estilos que vinham de fora, não é? As músicas da Guiné-Bissau, do Zé Carlos Schwartz, do Caça-Cobra e Capa Negra, se não estou em erro, portanto, essa linha de músicas que faziam parte da conscientização social das pessoas em relação à sociedade que se pretendia construir. Também tivemos esse papel.

E, mais tarde [1989], fizemos uma única gravação nos Estados Unidos da América que se intitula Cabeça em Movimento. Pode-se constatar nesse trabalho o grande nível técnico do grupo. Penso eu, os músicos, os colegas e as pessoas, segundo as minhas opiniões, que foi um trabalho que esteve muito à frente da sua época. Por isso, se calhar, eu aconselhava até as pessoas a ouvirem este trabalho novamente. Nós fizemos algumas composições, nomeadamente, as composições do Chando Graciosa. Há uma ou duas composições de que eu não sou o compositor. Tivemos uma outra composição do Dedas, que também vem no disco. Eu juro que foi, de facto, um bom trabalho.

A iniciativa da ex-primeira dama acabou por dar frutos relativamente aos objectivos preconizados. Acho que conseguimos fazer o nosso trabalho. O Conjunto Abel Djassi é um processo que ainda não fechou. O único dilema que nós temos é que cada um seguiu o seu caminho profissional e de vida. A qualquer momento, algures nesses dias vindouros, a qualquer momento poderemos apresentar uma agenda de concertos a nível nacional e internacional. Estamos, neste momento, a fazer uns pequenos ajustes relativamente às agendas pessoais de cada qual e, logo que for possível, nós faremos, de facto, de certeza, concertos por aqui e por aí, nem que seja anualmente ou qualquer outra coisa do género.

Entrevistador (a):

Edição: 2025

